

Capítulo V

Considerações Finais

O presente estudo trabalhou sobre determinadas questões que se referem ao imaginário da criança com deficiência visual. Dados foram levantados e analisados. Da análise e proposta, constituiu-se a hipótese:

A criança com deficiência visual, em especial a criança cega, tem seu imaginário empobrecido, seu acervo imaginativo destituído de beleza, encanto, criatividade e senso crítico.

A deficiência rouba-lhe a magia da infância.

A priori, a deficiência visual, em particular a cegueira, vem carregada de forte impacto negativo. Incapacidade, incompetência, impossibilidade são muito mais do que meras palavras. São conceitos que se disseminam e rodeiam a pessoa atingida por essa falta ou déficit sensorial. Desses conceitos que emanam negação, surgem os preconceitos, juízos prévios e carentes de conhecimento científico e profundidade humana.

Julga-se com superficialidade.

Afirma-se com precipitação.

Decreta-se com empáfia.

O homem é por natureza excludente. Vê o “outro” através do espelho. Portanto, todo aquele que escapa à sua imagem e semelhança, todo aquele que foge ao padrão pré-estabelecido como “normal”, torna-se inaceitável. A rejeição submerge de tal equívoco e propicia o aparecimento de uma visão distorcida cujas representações desfavoráveis desembocam na discriminação, na depreciação, fatores que trarão irreversíveis danos a pessoa cega ou com baixa visão.

É hoje, inadmissível amesquinhar-se um indivíduo por sua condição física, psíquica ou intelectual. Estigmatizar-se uma criança, principalmente, colocando suas potencialidades numa escala de valores menores é algo que demanda fazer-se uma reflexão madura e verdadeira, despida de qualquer vestígio de escamoteamento.

A criança com deficiência visual possui estruturas cognitivas, formula conceitos, constrói imagens mentais. Sua mente desenvolve-se como seu intelecto e sua estrutura emocional. Vê-la como alguém imerso numa atmosfera de

improdutividade e alheamento, é reduzi-la diante de si mesma e provocar-lhe o embotamento e a extrema diminuição de sua auto-estima. Uma educação de qualidade, com direcionamento competente às suas peculiaridades e anseios, corrigirá essas distorções, estabelecerá novas posturas pedagógicas, criará novos postulados, renovará estratégias didáticas, abrir-se-á para outros empreendimentos educativos.

A deficiência limita, mas não impede.

Ao deixar-se uma criança cega ou mesmo com baixa visão à margem das condições reais do seu crescimento, impossibilita-se seu desenvolvimento pleno. Uma ação pedagógica errônea ou negligente é a maior responsável pelas falhas e lacunas que se abrem na aquisição do conhecimento e que se instalam no processo evolutivo dessa criança. Os atrasos ou déficits cognitivos, sociais e afetivos interpõem enormes barreiras entre a criança e a trilha de suas conquistas humanas e culturais. A deficiência, como frequentemente se vê, serve como justificativa, camufla atitudes e o despreparo dos professores e dos sistemas educacionais. Neste contexto, a criança passa a ser a detentora absoluta dos insucessos do próprio curso de sua evolução. É ela a dona de todas as desvalias, e o produto mal forjado nas desvantagens impostas pela privação ou redução da acuidade visual.

Discutiu-se, no corpo deste trabalho, o cunho deficitário que revela o imaginário da criança com deficiência visual. Aspectos de diferentes ordens e grau de importância foram trazidos ao centro de uma reflexão que buscou demonstrar que o problema existe, mas que a solução também existe e não está longe nem da família nem da ESCOLA.

A imaginação, o poder criador, a sensibilidade, a opinião precisam fazer parte do universo de qualquer criança.

Por que alijar-se a criança com deficiência visual da conquista imprescindível do conjunto desses bens internos?

O fracasso ou o êxito na promoção global do homem será ditado pela forma como essa promoção é conduzida. Será positiva se houver crença, competência, abertura. Em contrapartida, far-se-á negativa se houver descrédito, desleixo, preconceito.

O imaginário (pensamento mágico) repousa no âmago mais profundo da infância. A criança estabelece em relação a ele, um vínculo quase genético. Ele lhe pertence e faz parte dela. O pensamento encantatório por seu lado, devolve-lhe

esse estado de descendência, confere-lhe características, dita-lhe atitudes, sedimenta-lhe comportamentos, embasa sua criatividade e senso crítico, estrutura sentimentos e emoções.

Fica claro que a deficiência visual poderá atrasar ou mesmo retardar o tempo de construção do pensamento mágico. Contudo, comprova-se ser esse problema absolutamente sanável. Havendo uma intervenção segura e competente por parte da Escola e também da família, a criança crescerá dentro de padrões desejáveis e alcançará o desenvolvimento compatível com sua faixa etária e condições de aprendizagem. Ocorrendo o inverso, pondo-se rótulos discriminatórios e levianos na criança, será vedada a ela a possibilidade de desenvolver-se a contento. Saberes, tendências, talentos, vocações, todos esses dons e capacidades poderão ser asfixiados pela ação falha de uma educação pobre de ideias, equivocada em seus propósitos, apoiada em velhas práticas, acomodada na descrença da própria eficácia.

Entende-se que há caminhos a trilhar. Há novos rumos a seguir. A criança com cegueira ou com baixa visão não pode ser punida por sua deficiência. Ao contrário, deve-se envidar todos os esforços para que tais atitudes sejam eliminadas e que a educação cumpra, sem qualquer resquício de negligência e de intolerância, o papel que lhe cabe na construção de novos paradigmas educacionais.

A criatividade e o senso crítico não podem ficar restritos ao educando. Também os educadores precisam tomar novas direções, ampliar seu raio de ação, buscar outras linguagens, tentar outros atalhos e saídas.

O processo de letramento/alfabetização requer um olhar mais profundo ao alfabetizador. A aquisição da leitura não pode prender-se apenas ao ato físico de “ler”. A leitura ultrapassa os limites dos fonemas e grafemas. Ela tira o homem do obscurantismo cerceador. A leitura anula a ignorância, alavanca pensamentos, projeta realizações.

A criança lê o “mundo” através da riqueza de suas experiências. Interpreta esse mesmo “mundo” pela excelência do que foi experimentado. A alfabetização tende revestir-se dos tons lúdicos e sensíveis da infância. É uma fase em que hábitos e posturas formarão o pequeno leitor. Imaginação, ludicidade, inventividade precisam integrar-se à carga intelectual e emotiva que se embute nesse novo explorador de ideias. A leitura consciente, crítica, artística habilita e

coloca o leitor iniciante frente ao conhecimento de que ele se valerá para adquirir competências, e no futuro, poder mergulhar nas grandes obras literárias produzidas por eternos escritores em todos os tempos.

O assunto foi colocado em pauta — o imaginário da criança cega ou com baixa visão — e discutido. Procurou-se desmistificar um conceito: A deficiência visual não permite que se estabeleça nexos entre o “mundo do conhecimento criativo” e a criança com deficiência da visão.

Buscou-se compreender a complexa evolução em diversas áreas do desenvolvimento da criança cega ou com baixa visão. Dificuldades e possibilidades foram cotejadas. Desvantagens e saídas foram discutidas. Condições e vias de aprendizagem foram apontadas. Esmiuçou-se, tanto quanto possível, a caminhada evolutiva dessa criança desde o nascimento. O estudo trouxe, acredita-se, elementos capazes de provocar alguns debates, não só de caráter educacional, mas também na esfera da psicologia, da psicanálise, da arte da palavra, a literatura.

A criança cega ou com baixa visão é um ser cognoscente, como foi demonstrado. Precisa, portanto, de espaços propícios para ganhar confiança, trabalhar emoções, adquirir condutas, amear ideias, expandir pensamentos, produzir fantasias, formar sua bagagem de conhecimentos e de mecanismos internos, espaços que podem indicar dimensões gigantescas onde a criança de agora terá enorme chance de tornar-se um indivíduo inteiro, livre dos estereótipos que criam para ele, estigmas dolorosos que o apequenam e dificultam seu progresso e ascensão.

O estudo abriu um campo de sugestões. A literatura infantil como aporte no processo de construção e de desenvolvimento do imaginário da criança cega e com baixa visão.

O texto literário, como pôde observar-se, concentra em si uma força sem precedência. Mensagem, estrutura frasal, segmentos fônicos e textuais formam um todo harmônico que as crianças muito pequenas não percebem a complexidade que os cerca, mas aos poucos, sem que se deem conta, dele vão-se apropriando. O texto instiga curiosidade, dá prazer, aciona a emotividade, extravasa sentimentos.

A literatura infantil não deve ser vista como uma modalidade menor da **grande literatura**. Ambas fundamentam-se nos mesmos princípios da “arte de escrever”. A prosa e a poesia constituem a base de suas estruturas e dão-lhes a

configuração do belo, da estética, da semântica, da criação materializada em palavras. Histórias singelas, contos de fadas, trovas e poemetos, lendas nas quais criam-se mitos para explicar a existência e a transformação das coisas. Movem raciocínios e elevam o nível de interpretação do leitor. Sem que o saibam, as crianças entram em contato com os elementos estruturadores da narrativa, com a linguagem figurada, com os diversos gêneros literários, com o tom (estilo) de cada autor, com os diferentes “eus” que particularizam obras e épocas. O aspecto formal junta-se aos conteúdos ideativos, estabelecendo e estendendo ambientes linguísticoliterários onde o espírito da arte se manifesta e acende a chama da paixão do ato de criar.

O leitor em construção, pode-se afirmar, é um sujeito em estado de recepção. A ele, é desejável oferecer-se o melhor do texto literário. Valorizando-se tal oferta, suas demandas ligadas à leitura, nascem e naturalmente crescem em grau de importância. Os fatores constitutivos do texto literário vão-se fazendo presentes, vão-se tornando visíveis. Não mais se encontram sob a densa camada do desconhecimento. Aos poucos, passo a passo, a criança se apercebe da existência de uma nova fala cuja comunicação escapa ao discurso cotidiano. É a hora, o instante propício para trazer-lhe a palavra mitificada, capaz de transmutar-se em mil faces. Capaz de desaparecer e ressurgir refeita e vigorosa na voz mediadora dos grandes escritores. Marota quando diverte, reflexiva quando analisa, dogmática quando ensina. Na ciranda do ideário infantil, a palavra precisa adquirir significados e representações que corporifiquem conceitos e contextos na sua essência mais pura e diversa.

A linguagem literária com sua riqueza de recursos morfofonêmicos e semânticos, entre outros, com sua diversidade de abordagens, caminha com a criança no processo de sua evolução. Introjeta-se em sua sensibilidade, extrai de sua alma a vibração necessária para concretizar-se, criando formas expressivas de ordem social, cultural e psicológica. A infância é o tempo do confronto entre a criança e a descoberta de realidades que encantam, surpreendem, amedrontam, encorajam. O pensamento infantil, ao expandir-se, brinca, fabula, engendra, constrói, sobe à esfera do sonho e, muitas vezes, recusa-se a abandoná-la. A faculdade de imaginar provém dessa prática advinda da profundidade e largueza do ser.

Conclui-se, assim, que uma criança passando pela vivência e convívio do texto literário terá mais oportunidades de desenvolver sua imaginação e absorver os elementos construtores do texto em prosa, como também, o texto poético.

A literatura infantil guarda características próprias o que dimensiona sua originalidade e relevância. Suas funções ilustram o tema central deste trabalho e a conclusão a que ele chegou:

A criança cega ou com baixa visão pode ter seu imaginário rico de informações, sensível aos apelos infantis, profundo na sua capacidade de decodificar o “mundo da imaginação”, largo na extensão ilimitada do seu pensamento mágico.

Educar, instruir, distrair, despertar sentimentos e emoções, incentivar a criatividade e a criticidade, atender ao psiquismo infantil, mostrar a importância do livro, estabelecer normas eticomorais, embasar o intelecto, incrementar a expressão oral e escrita, fomentar o gosto artístico, alicerçar e alimentar o prazer da leitura. Essas são funções da literatura infantil.

Não existe uma forma infalível para que o homem consiga alcançar a concretização máxima dos seus objetivos e ideais. Todavia, compreende-se que há sempre caminhos menos tortuosos a seguir. Na análise do estudo em foco, viu-se que é possível desenvolver-se plenamente o imaginário de uma criança com deficiência visual. A literatura foi apontada como um instrumental a serviço da educação. Aos professores, sugere-se a adoção desse extraordinário aparato pedagógico.

Os grandes temas que deram corpo à literatura, fizeram-na espelhar os dramas existenciais do homem, os compartimentos da sociedade, a essência eterna e fugidia do tempo. A palavra entregou-se às mãos do artista como cinzel preciso a esculpir mundos, realidades, sentimentos. A literatura supriu e supre desejos de extravasamento interno, realizou e realiza ideais estéticos que ampliam e aprofundam a expressão, criou e cria estados de alma que alicerçam o amor, exaltam emoções, fomentam a visão filosófica do leitor. A literatura emerge da sensibilidade e invade e domina o imaginário do homem. A literatura infantil catalisa iguais preceitos e transborda iguais valores.

Imaginação e criação – eis os pilares que sustentam o pensamento mágico da criança.

A literatura animiza a palavra. A leitura animiza o intelecto.